

FAZENDO

GÊNERO

ANO VI Nº14 JULHO A OUTUBRO /2002

MUDANÇAS E MOVIMENTOS:

Grupo Transas do Corpo de casa nova

mudar . [Do lat. mutare.] V. t. d. Pôr em outro lugar; dispor de outro modo; remover; deslocar. Alterar; modificar. Fazer apresentar-se sob outro aspecto. Transferir-se para outra casa ou local. Tornar-se diferente do que era, física ou moralmente; alterar-se. Transformar; transmutar.

mover . [Do lat. movere.] V. t. d. Dar ou comunicar movimento a; pôr em movimento. Comover-se, sensibilizar-se. Fazer sair do lugar; deslocar por um movimento; causar comoção; sensibilizar.

movimento . [De mover + -imento; esp. movimiento, fr. mouvement.] S. m. Ato ou processo de mover(-se); deslocamento. Animação, agitação. Série de atividades organizadas por pessoas que trabalham em conjunto para alcançar determinado fim. Processo de mudança ou alteração das relações internas ou externas de um sistema.

O Grupo Transas do Corpo já traz, inscrito no seu nome, o que pode significar, na nossa língua, as palavras mudar e mover, em alguns de seus sentidos, como o de transformar, transmutar, por em movimento, sensibilizar. Agora, no mesmo ano em que comemoramos os nossos 15 anos, incorporamos mais um: mudamos de lugar, para uma outra casa e, em certo sentido (ou em muitos, talvez), tornamo-nos diferentes do que éramos, porque o movimento da mudança certamente altera nossos ritmos internos e externos, os arranjos aos quais estávamos acostumadas e toda uma trama de pequenas e grandes alterações que se estendem desde como nos deslocamos todos os dias até os sentimentos novos que experimentamos com a novidade instalada. O que começou em 1987 tem agora uma morada própria, de onde esperamos alçar mais vôos feministas em direção a uma sociedade justa, plural e solidária.

Desde quando o Grupo Transas do Corpo iniciou seu processo de institucionalização, em 1992, três espaços foram alocados para sua sede. O primeiro, muitos/as irão se lembrar, funcionava na Avenida Anhanguera, no Ed. Palácio do Comércio, no Centro, endereço no qual permanecemos até maio de 2002. Foram anos vertiginosos... de ampliação, amadurecimento do grupo, de intensos processos e muitas, muitas mudanças internas. O que tem significado: crescer, ampliar espaços de reflexão teórica e articulação política. Crescer e amadurecer, no caso do Grupo Transas do Corpo, têm, para nós, o sentido permanente da quebra das hegemonias, das desigual-



Nova casa do Grupo Transas do Corpo

dades que excluem, dos preconceitos e fobias que discriminam e oprimem. Assim, de agora em diante, estaremos aguardando você, que admira e também se nutre e comparamos a construção de tudo o que somos hoje. O CEI (Centro de Estudos e Informação) nasceu lá. Depois, fomos para um espaço enorme na Rua 8, Centro, mas lá permanecemos por pouco tempo, apenas dois anos, porque, apesar de enorme, o prédio era muito inadequado. A partir de 1997, nosso endereço passou a ser a sala 301 do número 556 da Rua 137, no Setor Marista, onde permanecemos até maio de 2002. Foram anos vertiginosos... de ampliação, amadurecimento do grupo, de intensos processos e muitas, muitas mudanças internas. O que tem significado: crescer, ampliar espaços de reflexão teórica e articulação política. Crescer e amadurecer, no caso do Grupo Transas do Corpo, têm, para nós, o sentido permanente da quebra das hegemonias, das desigual-

dades que excluem, dos preconceitos e fobias que discriminam e oprimem.

Assim, de agora em diante, estaremos aguardando você, que admira e também se nutre e comparamos a construção de tudo o que somos hoje.



Sede Setor Marista, 1997 a 2002



Sede av. Anhanguera, 1992 a 1995

tilha dos nossos campos de saber e redes de ação, de consolidação do grupo, de intensos processos e muitas, muitas mudanças internas. De agora em diante, este novo espaço vai começar a ter a nossa cara, nossas vibrações, nossos desejos e sonhos, que ainda são muitos e continuam perseguindo um lugar no mundo, em pleno movimento.



EM TEMPOS DE ELEIÇÃO, O GÊNERO EM QUESTÃO

Neste ano de eleição, temos notado o aumento de mulheres candidatas a cargos cada vez de maior responsabilidade. Por causa disso, o Fazendo Gênero decidiu expor ao debate público esse aumento, enfocando um aspecto do problema através da confrontação de opiniões diferentes sobre o tema. Assim, colocamos a seguinte questão para debatedoras e debatedores exporem suas respostas aos nossos leitores e leitoras:

MULHER FAZ POLÍTICA DIFERENTE DE HOMEM?

NÃO

Na verdade, eu responderia "depende", mas como não há esta opção, fico com o não. Que fatores determinam o jeito de alguém fazer política? Penso que são muitos, mas principalmente um conjunto de crenças e valores pessoais. Aquela pessoa que acredita no diálogo, na transparência e na ética como valores fundamentais, certamente fará política de uma forma bem diferente daqueles para quem os valores maiores são a riqueza e o sucesso pessoal a todo custo. Penso que estes diferentes valores estão distribuídos nas cabeças de homens e mulheres. Com toda certeza, não há valores que vinham mais regados à progesterona ou outros que somente cresçam com testosterona. O sexo não conta.

Mas a pergunta pode não se referir ao sexo em si, mas ao gênero. Será que aquele comportamento que aprendemos ser "típico das mulheres" (cuidadosa, carinhosa, afetiva...) pode levar a um outro jeito de fazer política? Ainda assim, minha resposta é "depende". Com certeza, uma política feita com a ética do cuidado há de ser diferente. Contudo, há homens também comprometidos com esta ética, isso para não falar de mulheres que, como Margaret Thatcher, passam longe desses valores. A ética do cuidado não é (embora a sociedade sempre nos ensine que seja) "feminina". É uma ética, ponto. E é direito de mulheres e homens exercê-la.

Independentemente disso, vale dizer que o aumento da participação feminina na política é fundamental. Mesmo que isto não implique um outro jeito de fazer política, o equilíbrio numérico é um indicador de relações mais justas e democráticas entre homens e mulheres, e deve ser um objetivo perseguido por todos e todas nós.

Daniel Schroeter Simião, antropólogo, integrante do Comitê Assessor do Fundo de Gênero da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional em Brasília, professor na Universidade Católica de Brasília (UCB) e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB).

SIM

Diferenças há, obviamente. Tenho dificuldade de dimensionar, de modo que permita a generalização, o sentido e o potencial de predomínio dessas diferenças nas formas de conceber e exercitar a ação política por mulheres e por homens.

A sensibilidade feminina para perceber e decidir sobre questões sociais é mais que um mito. Não-observante, Margaret Thatcher, nos anos 80, representou bases políticas racionalmente inversas nesse sentido. Pode-se dizer que sua figura é mais emblemática que a de Reagan para o então nascente ciclo de hegemonia neo-liberal. Por outro lado, a figura da primeira-dama ao mesmo tempo em que evoca o impulso maternal, também traz em si, de modo completo, a lógica, os mecanismos e o ritual das políticas sociais para populações carentes dos países pobres, baseadas na filantropia do Estado. Vejo outros exemplos da multiplicidade de padrões de ação política da mulher, que encontram correspondência aos do homem: Zélia Cardoso de Melo, Marina Silva ou Rita Camata. Em aspecto básico, elas expressam diferenças com a condução da economia por Pedro Malan, com a representação social e classista de Chico Mendes e Vicentinho, respectivamente.

Acho que a presença feminina tende a suavizar qualquer ambiente e

a converter a sedução ideológica em mais agradável. Mas imagino que suas motivações culturais de buscar a igualdade de participação e direitos não iguala os critérios ditados por compromissos e concepções do mundo, que são múltiplos entre as mulheres. O charme que a eles confere faz bem e enriquece a política.

Prof. Dr. Pedro Célio Alves Borges, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG).

NÃO

Primeiro precisaríamos nos entender acerca do que estamos chamando de "política". De início, penso que as mulheres, no limite, não fazem "política partidária" diferente dos homens.

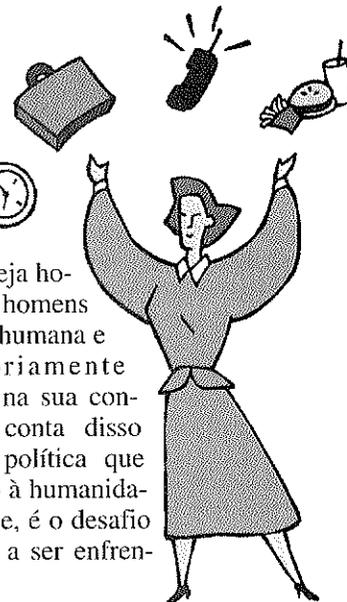
E nem deveriam. Não creio que devêssemos manter uma certa especificidade que tradicional e ideologicamente foi atribuída às mulheres no campo da política partidária e que custou a trivialização da solidariedade, da bondade, da generosidade, etc. e que, afinal, não seriam menos de responsabilidade dos homens do que das mulheres.

E nem poderiam. Penso que a lógica da política se sobrepõe fortemente à qualquer outra condição que não os interesses de classes e grupos sociais.

De outra parte, penso que o desafio fundamental que está posto na ação política diz respeito a possibilidade de humanidade, portanto, de homens e mulheres. E este empreendimento diz respeito à todas as esferas da vida e a todos os que dela participam.

Enfim, acredito que o desvendamento do paradoxal enigma colocado nesse ser que é humano sem ser

homem está mais relacionado à sua condição humana do que ao fato de que não seja homem. Os homens também são humana e contraditoriamente enigmáticos na sua condição. Dar conta disso numa ação política que diga respeito à humanidade, me parece, é o desafio fundamental a ser enfrentado.



Profa. Dra. Anita C. A. Resende, psicóloga, professora das universidades Federal e Católica de Goiás (UFG/UCG).

SIM

Fico entre o sim e o não, talvez, pode ser, quem sabe.... É preciso ser uma mulher com uma postura política que incorpore os valores femininos. Uma mulher que reforce a visão patriarcal do mundo, e esteja bem adaptada a ela, vai atuar como a maioria dos homens. Precisamos de homens e mulheres que queiram criar um mundo que contemple as qualidades femininas e masculinas. Esta tarefa passa novamente pelas mulheres. As mulheres têm mais experiência, conteúdo e condições para desencadear este processo.

Dra. Lívia Martins Caneiro, médica ginecologista e obstetra, membro do Conselho Consultivo do Grupo Transas do Corpo. Trabalha na Casa de Parto e no Centro de Humanização de Práticas Terapêuticas do Hospital São Pio X (Ceres-GO).



Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Av. Antônio Fidélis, Qd. 158, Lt. 04, Pq. Amazônia
Goiânia-Goiás-Brasil. 74.840-090
Tel.: 55 (62) 248-2365 / Telefax: (62) 248-1484
fazendogenero@transasdocorpo.com.br

www.transasdocorpo.com.br

Coordenação executiva:

Eliane Gonçalves - Doutoranda em ciências sociais, mestre em educação, especialista em saúde pública.

Gelva M. M. Costa - Assistente social, especialista em políticas públicas.

Joana Plaza Pinto - Doutora em linguística.

Kemle Semerene Costa - Nutricionista e especialista em saúde pública e em gerontologia.

Lenise Santana Borges - Psicóloga, mestre em mulher e desenvolvimento, especialista em saúde pública.

Rurany Ester Silva - Assistente social, especialista em saúde pública.

Conselho diretor:

Ana Maria Costa

Joselino Vieira dos Santos

Maria Cláudia H. da Silva e Souza

Kátia Karam Toralles (suplente)

Conselho consultivo:

Eleuse de Brito Guimarães

Lívia Martins Carneiro

Solange Rocha

Maria Luíza Moura (suplente)

Conselho fiscal:

Ana Maria de Oliveira

Eleny Xavier Marinho

Márcio André Martins dos Santos

Regina Rodrigues de Moraes (suplente)

Equipe técnico-administrativa:

Luciana Torres - assessora

administrativo-financeiro

Andréia de Paula Silva -

assistente técnica

Lígia Azevedo - secretária

Ana Paula Maluf -

bibliotecarista

Apoio:

Fundação MacArthur

Fundação Ford

International Women's Health

Coalition

Coordenação Nacional DST/AIDS/

Ministério da Saúde/UNESCO

Conselho editorial:

Érica Melo

Pedro Plaza Pinto

Wilza Vilela

Editoria: Eliane Gonçalves e Joana

Plaza Pinto

Redação: Eliane Gonçalves, Gelva M.

M. Costa, Joana Plaza Pinto, Kemle

Semerene Costa, Lenise Santana Borges,

Wilza Vilela

Revisão: Joana Plaza Pinto

Editoração: Carla de Abreu (62-223-0566)

As opiniões presentes nas entrevistas ou nos artigos publicados são de responsabilidade de suas autoras e autores.

MULHER E AIDS

Sexualidade feminina na soropositividade

por Wilza Vilela*

O que se esconde por detrás do achado, freqüente e consistente entre diversos pesquisadores (Ayes et al, 2000; LCLS, 1999; Vilela et al, 2002) de que o diagnóstico de soropositividade para o HIV interfere negativamente no exercício da sexualidade pelas mulheres portadoras?

Poderíamos apontar, de um lado, o temor real ou imaginário da contaminação ou recontaminação própria ou do parceiro, aliado à resistência dos parceiros, mesmo estáveis e eventualmente também portadores, em usar o preservativo em todas as relações sexuais.

A contra-face das barreiras existentes no interior da relação seria a total negligência, por parte dos serviços de saúde, em incluir no aconselhamento em DST/Aids a discussão e o estímulo ao exercício da sexualidade pelas mulheres como componente importante da saúde e da vida com qualidade.

Para além destes dois lados de uma mesma moeda, vemos que o exercício da sexualidade pelas mulheres, historicamente reprimido e penalizado, é uma conquista que precisa de reforço cotidiano. Aprendemos que o sexo é feio e pecaminoso. Usufruir da possibilidade humana de prazer, liberdade e comunicação com o outro que a experiência sexual possibilita é uma vitória ainda frágil.

Assim, muitas mulheres vivenciam a infecção pelo HIV, a ocorrência de DST ou mesmo uma gravidez indesejada como a confirmação de que o sexo é mau e perigoso.

Ligado a esse sentimento inconsciente de culpa por haver tido sexo, e necessitando de rituais que, também no âmbito inconsciente, aliviem esta culpa, mulheres portadoras do HIV deixam de cuidar de si, de buscar o próprio prazer e a realização de seus desejos para atuar no cuidado dos filhos ou marido doentes. Nesse processo, abdicam do sexo.

Como não há problemas sem solução, também para este existem alternativas de superação. E alternativas fáceis para as mulheres. Falar, falar, falar!!! Falar sem medo e sem vergonha dos medos e das vergonhas do sexo, da Aids e do próprio ser mulher. Falar entre nós, mas também com nossos parceiros/as, amigos/as, amantes e, principalmente, com os profissionais que nos atendem e que nem sempre sabem sobre nós tudo que deveriam saber para nos dar uma atenção de maior qualidade!

Como as mulheres soropositivas têm vivenciado a questão da sexualidade? Como essa experiência afeta suas vidas? A soropositiva M., 32 anos, concedeu-nos uma entrevista emocionante sobre sua experiência atual com a sexualidade.



Fazendo Gênero: Como a descoberta da soropositividade afetou sua vida sexual?

M.: A libido fugiu. Tive muito medo de rejeição. O corpo é um símbolo da sexualidade e a soropositividade causa limitação e é sentida como uma transformação no corpo. Tenho medo do companheiro soronegativo me rejeitar; tenho muito sentimento de solidão. Não é justo porque eu tenho o direito de ter um companheiro, de amar e ser amada, mas tenho muitas barreiras dentro de mim. A gente tem um cansaço físico maior por ser soropositivo e estar tomando medicação, e por isso não tem motivação de sair e se divertir. Não tem animação. Viver com AIDS é ter muitos limites físicos. Os pacientes assintomáticos vivem melhor e mais normalmente.

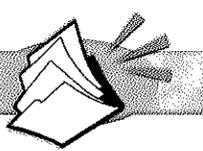
FG: O seu desejo sexual mudou por causa do HIV? E o prazer?

M.: Mudou o desejo. É a questão do medo, da rejeição, e aí pronto, acabou. Tem libido, desejo, fantasia, mas às vezes a gente fica desmotivada. A gente faz academia com a intenção de ficar mais bonita, de se cuidar mais. Eu tive namorado soropositivo e soronegativo, mas o medo me afastou, eu mesmo criava fantasmas. Mesmo com os fantasmas, a gente se sente melhor acompanhada, num relacionamento maduro. A gente tem que trabalhar esses medos. Eu não tenho namorado agora. Esse cansaço físico me desanima a sair e encontrar alguém. O tratamento traz o cansaço, estou me adaptando a uma nova medicação. Eu descobri que era soropositiva quando estava grávida, já no final da gravidez. Meu companheiro já morreu; meu bebê também, mas eu tenho dois filhos do meu primeiro casamento. Mas, para mim, o problema é emocional, porque eu fui contaminada porque meu companheiro me traiu. Isso fez eu não confiar em ninguém, e isso acontece com muitas mulheres. A maioria das mulheres que são cadastradas no Grupo Pela Vidda (GO) foram contaminadas em relações estáveis.

FG: Essa maneira de viver a sexualidade na soropositividade tem colaborado ou não para a sua melhor qualidade de vida?

M.: Ficar sozinha prejudica muito a minha saúde. É muito bom a gente ter um relacionamento, ajuda na auto-estima da mulher. Tem muitas mulheres HIV positivo que vivem com companheiro bem; elas estão melhores que as solteiras. Muitas mulheres chegam no Pela Vidda decepcionadas afetivamente. Eu agora estou querendo namorar, mas não tenho interesse em ninguém específico.

* **Wilza Vilela** é feminista, médica, Assistente de Direção do Instituto de Saúde (SES/SP), membro da Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, e do Conselho Editorial do Fazendo Gênero. Vem trabalhando há muitos anos com a temática da AIDS, sempre com um enfoque de gênero.



Você é feminista?

O Curso "Conversa de Mulher" é uma iniciativa do Grupo Transas do Corpo de trabalhar junto ao movimento social organizado, entre outros segmentos interessados no feminismo, com o propósito de formar e fortalecer lideranças feministas e construir argumentos para ações em prol das mulheres. Teve início no último mês de abril e se estenderá até novembro de ano. As lideranças participantes representam



Participantes do curso "Conversa de Mulher" na oficina "Eu sou feminista?"

o SindSaúde, Sindicato dos Jornalistas de Goiás, Coletivo de Mulheres do PT Regional, Conselho Estadual da Mulher, Casa da Juventude Padre Burnier, Associação Ipê Rosa, NAPS Novo Mundo, Comissão Pastoral da Terra, Grupo de Mulheres Negras Malunga, Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia.

Gênero e AIDS: formando lideranças

Acontecerá no período de 28 de julho a 03 de Agosto próximos, no Hotel Serro Park (Aragoiânia-GO), o curso **Capacitando Lideranças Femininas para o Enfrentamento das DST/AIDS**, cujo objetivo é formar lideranças multiplicadoras para atuar mais qualificadamente no movimento de luta contra a AIDS e outras DSTs na po-

pulação feminina, além de atuarem nas instâncias de controle social. Este curso tem o apoio do Ministério da Saúde/UNESCO.

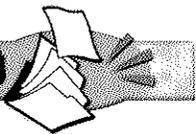
O curso será coordenado pelo Grupo Transas do Corpo, e terá como facilitadoras Solange Rocha (SOS Corpo), Vera Lúcia Ribeiro, Marta Rovey de Souza e a equipe do Grupo Transas do Corpo.

Os temas abordados serão: ativismo das questões da epidemia, questões políticas (global e local), impacto para as questões de vulnerabilidade de gênero e direitos, e habilidades com a mídia.

Enfoque de gênero contra a violência

A Rede de Atenção à Mulher, Criança e Adolescente em Situação de Violência realizará o II Curso Básico de Abordagem Sobre Violência em Rede. Este curso contém os temas: sociedade, cultura e violência; infância e sociedade; gênero e sexualidade; tipos de violência contra mulher, criança e adolescente; família e rede de atenção. O objetivo é capacitar 80 novos profissionais que atuam nas entidades e instituições que fazem parte da Rede de Atenção. O curso acontecerá de 06 de agosto a 18 de outubro, no auditório da Caju - Casa da Juventude Padre Burnier. Para maiores informações, entre em contato com Gelva: 62-248-2365 ou gelva@transasdocorpo.com.br.

A Rede de Atenção tem se reunido mensalmente para discutir e encaminhar os assuntos referentes aos serviços prestados pelas suas instituições e entidades, além de implementar sua política de formação e buscar atender às solicitações de defesa de direitos. Está programado para o mês de julho o lançamento do folder explicativo sobre Rede, mapa de serviços e uma cartilha.



Curso sobre sexualidade e gênero para professoras/es de Goiânia

O Grupo Transas do Corpo finalizou, em maio, após os três meses previstos, o **Curso Introductório Sexualidade e Gênero na Educação** para professoras/as da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. Este curso teve o objetivo principal de sensibilizar e capacitar tais profissionais para desenvolver ações e lidar com situações relacionadas à sexualidade na escola, tendo sido resultado de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e o Grupo Transas do Corpo.

Num total de 40 horas, 40 professores de diferentes disciplinas participaram dos encontros semanais. Nestes foram discutidos os seguintes temas: Relações de Gênero, Educação Sexual, Direitos Sexuais e Reprodutivos e DST/AIDS.

Este evento vem representar apenas o início de uma sensibilização para os/as professores/as da Secretaria Municipal de Educação, que vem investindo em ações que capacitem e instrumentalizem teórica e metodologicamente sua equipe para a condução de temas relativos à sexualidade. As avaliações demonstraram que muitas/os saíram mais motivadas/os e esclarecidas/os sobre a importância de se trabalhar a sexualidade na escola, revendo inicialmente os próprios conteúdos, valores e posturas e, assim, sua disponibilidade em enfrentar este desafio.

Temas variados são expostos nas Sextas Culturais

As Sextas Culturais são debates promovidos pelo Grupo Transas do Corpo para expor pesquisas e oficinas sobre variada temática feminista. Neste último semestre, vários foram os temas expostos. Em 26 de abril, o debate foi **Corpo que fala no espelho: auto-imagens de gênero**, com Joana Plaza Pinto, doutora em Linguística. O que é falar

como homem? O que é falar como mulher? Essas são algumas questões que o debate evidenciou, a partir de uma exposição dos resultados da pesquisa "Estilizações de gênero em discurso sobre linguagem", financiada pela Fapesp. Esta pesquisa investigou o discurso dos homens e das mulheres sobre seus próprios discursos, mostrando que as mulheres pensam que falam muito, desnecessariamente e sem qualquer efeito sobre seu interlocutor; enquanto os homens pensam que falam o suficiente, somente em situações adequadas e sempre produzindo efeito no interlocutor.

Em 17 de maio, o tema foi **Envelhecimento e obesidade em perspectiva de gênero: a relevância da educação em saúde**, debatido pela nutricionista Kemle Semeerene Costa, a partir dos resultados da pesquisa "Envelhecimento e Obesidade: o Grupo de Controle de Peso no Processo de Educação em Saúde", que analisou a percepção de participantes do grupo de controle de peso, do Hospital de Medicina Alternativa do Estado de Goiás, sobre a relação entre envelhecimento e obesidade. De modo geral, a pesquisa permitiu constatar a influência negativa do excesso de peso no processo de envelhecimento, além de sinalizar que, tanto a obesidade quanto o envelhecimento são vivenciados distintamente por mulheres e homens. Esta pesquisa foi desenvolvida em 2001, como parte da participação de Kemle S. Costa no Curso de Especialização em Gerontologia e Saúde do Idoso (UFG).

O tema **Saúde e sexualidade feminina na maturidade** foi o centro do debate do dia 28 de junho. A Dra. Lívia Martins Carneiro, a partir dos resultados de seu trabalho e reflexão permanentes sobre a sexualidade das mulheres após a menopausa, expôs as seguintes questões: qual é o imaginário feminino em relação à sexualidade na menopausa atualmente? Como os corpos femininos podem vivenciar o prazer e o desejo na maturidade? Dra. Lívia M. Carneiro é ginecologista e obstetra, estudiosa e atuante na luta pela humanização das relações médico/a-paciente, especialmente no campo da saúde da mulher. Trabalha na Casa de Parto e no Centro de Humanização de Práticas Terapêuticas do Hospital São Pio X, em Ceres-GO.

Veja a programação das Sextas Culturais no próximo semestre na Agenda deste boletim.

O que nossas/os internautas pensam?

Veja e responda a nova enquete da nossa página eletrônica: Uma candidatura feminina a vice presidência é oportunidade política ou justiça social?

Confira também os resultados da enquete anterior:

Sobre as cirurgias plásticas como opção de beleza e rejuvenescimento eu penso que:

É aceitável, mas as pessoas deveriam ser menos escravas da beleza: 42.19%

Não é, de fato, uma opção; é o resultado da indústria da beleza que vende ilusões: 20.31%

É correto, porque cada um/a faz o que quer com seu corpo : 12.50%

É um absurdo porque é uma imposição sobre como devem ser os corpos, principalmente das mulheres: 10.94 %

Não é correto, porque todos vão envelhecer e é preciso aceitar que a beleza muda com a idade: 7.81%

É um absurdo quando realizada em pessoas ainda muito jovens: 6.25%

AGENDA

Agosto

7, 8 e 9 - I Encontro Brasileiro de Publicações Feministas, Florianópolis - SC, informações: 48-331-8211 (pela manhã) ou ref@cfh.ufsc.br.

6 de agosto a 18 de outubro - Curso Básico de Abordagem sobre Violência em Rede, Goiânia - GO, informações: gelva@transasdocorpo.com.br.

Setembro

27 - Sexta Cultural "O direito ao aborto em debate no parlamento", com a assessora parlamentar Guacira César de Oliveira (Cfemea), informações: 62-248-2365 ou joplaza@transasdocorpo.com.br.

Outubro

8 a 11 - I Encontro Internacional Fazendo Gênero: feminismo como política, Florianópolis - SC, informações: genero@cfh.ufsc.br.

Novembro

29 - Sexta Cultural "Gênero, raça e território: trajetórias de mulheres negras", com o Prof. Dr. Alessandro Ratts (IESA/UFG), informações: 62-248-2365 ou joplaza@transasdocorpo.com.br.